



A morfologia nas crônicas *Sexa, Palavreado e Papos*, de Luís Fernando Veríssimo *Morphology in Luís Fernando Veríssimo chronicles: Sex, Idle Talk and Chat*

Felipe Luiz PASCHOAL¹

Maria Lúcia Ribeiro de OLIVEIRA²

Resumo: O artigo propõe o estudo da formação de palavras na construção de três crônicas do autor Luís Fernando Veríssimo, que tem por objetivo produzir um texto humorístico e desconstruir a inflexibilidade da gramática normativa da língua brasileira. Será através da piada internalizada nas curtas histórias (nos diálogos entre personagens) que teceremos nossa crítica ao preconceito linguístico impregnado nos discursos das leis que regem a gramática. Sendo assim, o estudo se utiliza da morfologia na construção do humor e sublinha o gênero humorístico para examinar as rígidas normas gramaticais. Para demonstrar como se dá tal processo, utilizaremos as teorias apresentadas por Evanildo Bechara (2002), Ernani Terra (1999), Sírio Possenti (1998) e Valter Kehdi (2002).

Palavras-chave: Crônica. Morfologia. Humor. Comédia.

Abstract: The article proposes to demonstrate the study of word formation in the making process of three chronicles by Luís Fernando Veríssimo which aim to produce humorous texts and to deconstruct the rigor of the Brazilian's normative grammar. This work will be done through study of the jokes identified in these short stories (dialogues between characters) that provided us with to review critically the discourse that is impregnated with the linguistic discrimination of grammar rules. Therefore, the study uses the concepts on morphology in the construction of humor and stresses and explore the use of strict grammar rules in the construction of the comedy genre. To demonstrate that use theories developed by Evanildo Bechara (2002), Ernani Terra (1999), Sírio Possenti (1998) e Valter Khdi (2002).

Keywords: Chronicle. Morphology. Humor. Comedy.

Introdução

O presente artigo caracteriza-se pelo uso da morfologia (base de conteúdo teórico-gramatical) na construção do humor (gênero subjetivamente literal) em três crônicas do escritor Luís Fernando Veríssimo, publicadas em seu livro *Comédias para se ler na escola*.

As crônicas são: *Sexa, Palavreado e Papos*. É possível afirmar que elas proporcionam, além do humor, um campo vasto para a análise e compreensão de elementos mórficos. Entre eles, está o uso da vogal temática e das desinências que se agregam ao radical,

<http://doi.org.10.24024/2357-9897v27n1a2018p23029>

¹ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e pós-graduando em literatura brasileira pela Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE. E-mail: felipe_lpasc@hotmail.com

² Mestre em linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e professora de linguística da FAFIRE | graduação e pós-graduação | E-mail: ribeirodeoliveiram@gmail.com

sufixos formadores de adjetivos, mudanças de classes gramaticais e, por último, o estudo de uma classe específica: os pronomes.

O intuito dos autores deste estudo, ao abordar este assunto, é fazer uma investigação morfológica de traços ou termos fundamentais nas referidas crônicas de Veríssimo, e assim esclarecer alguns aspectos que proporcionam o elo existente entre a gramática morfológica e o gênero humorístico, representado pela crônica. Pode-se pensar numa relação entre a objetividade e a subjetividade, que não se encontram em planos tão distintos neste contexto.

A importância do assunto a ser discutido acontece diante de um esclarecimento de técnicas utilizadas para a obtenção do humor. Essas técnicas, muitas vezes, recorrem ao âmbito morfológico, e será este o aspecto evidenciado no trabalho.

Estruturação e formação das palavras

Como bases teóricas, serão utilizadas as afirmações dos seguintes autores: Valter Kehdi (2002), Evanildo Bechara (2002), Ernani Terra (1999) e Sírio Possenti (1998).

A língua portuguesa dispõe de considerável variedade no que diz respeito à presença de elementos mórficos presentes nas estruturas de suas palavras. Nessa perspectiva, Valter Kehdi (2002) aborda as unidades mínimas significativas, denominadas morfemas, que se apresentam sob os seguintes aspectos:

- são unidades portadoras de sentido;
- são elementos recorrentes, de grande produtividade na língua;
- a ordem desses segmentos é rígida; qualquer alteração resulta em formas inaceitáveis na língua.

Uma das características dos morfemas é o fato de eles serem providos de sentido. Portanto, é “insuficiente” analisá-los sem fazer correspondência aos aspectos semânticos. Segundo Kehdi (2002, p. 23), “a apreensão dos morfemas não se reduz a um mero exercício formal; é fundamental que se leve em conta o elemento semântico”.

No processo de estruturação das palavras, torna-se necessário destacar elementos que adquirem representações diferenciadas, dependendo da palavra em que estão inseridas: radical, prefixos e sufixos, desinências (gênero, número e verbais), vogais temáticas (nominais e verbais) e vogais e consoantes de ligação.

Categorias e classes gramaticais

Em língua portuguesa, o papel desempenhado pelas dez classes gramaticais é bem delineado. Porém assume significações variadas quando inseridos em contextos comunicativos específicos.

As possibilidades da derivação imprópria ou convenção, por exemplo, fazem com que as classes gramaticais potencializem seu valor expressivo na língua.

Os textos humorísticos

Os livros de gênero humorístico, e até mesmo as piadas são importantes fontes de dados para realização de pesquisas na área de língua portuguesa, inclusive no campo da morfologia.

Os paradidáticos – infantis ou não –, indicados como leitura para alunos do ensino fundamental e médio, são materiais ricos em conteúdo de análise morfológica, visto que a linguagem usada é adequada ao seu público, portanto seria fácil encontrar um novo tipo de linguagem, como gírias, neologismos, entre outros.

Sírio Possenti (1998) aborda a piada como excelente corpus para que exista reconhecimento das diversas culturas e ideologias, uma vez que versam sobre: sexo, política, racismo, instituições em geral, e demais vertentes que apontam para a temática do social. Aborda o humor nas piadas morfológicas de maneira quase inseparável da fonética, visto que não basta somente a forma como o vocábulo é ou está grafado, mas também relata ser de extrema importância a sonoridade por ele imposta ao texto, tendo, para tanto, o som como principal auxiliar, a fim de obter a criação do tom engraçado da palavra, do morfema.

Percebe-se, então, a junção da piada com a morfologia, para a formação do humor na criação do enredo. É, pois, o agrupamento dos elementos mórficos (formação, classe de palavras, etc.) e o contexto temático-social satirizado em forma de piada que causa o humor nas crônicas a serem analisadas.

Análise do corpus

A primeira das crônicas a ser analisada será *Sexa*. Nela, Veríssimo expõe, de maneira engraçada, a situação na qual uma criança se depara com uma dúvida: “Qual é o feminino de sexo?”. A resposta lógica, à luz do conhecimento gramatical internalizado na criança, é que o feminino de sexo é ‘*sexa*’.

Através de um diálogo, o pai tenta explicar ao filho que existe o sexo masculino e o sexo feminino, mas a palavra corresponde a um substantivo invariável na sua forma e, portanto, é masculino. Porém, a explicação não é convincente, o que pode fazer o leitor pensar na falta de conhecimento do garoto em relação à classificação dos substantivos; justificável por ele ser uma criança. Assim como é possível perceber o crescente nervosismo do pai no decorrer da narrativa, que fica cada vez mais confuso sem conseguir fazer o filho compreender algo simples, mas que exige determinado conhecimento gramatical. Nessa intercalação entre a “inocência” do menino e as “frustradas” tentativas do pai é que ocorre a intensificação do humor.

Segundo Evanildo Bechara (2002), quando um substantivo não apresenta nenhum tipo de manifestação formal, ele pode mostrar-se indiferente à designação de sexo. É o caso do substantivo sobrecomum, cuja referência de masculino e feminino se depreende pela referência anafórica, como, por exemplo, o cônjuge / a cônjuge. No caso da palavra

sexo, por não se referir a seres animados – animais, pessoas e plantas –, não pode receber designação de pertencer ao sexo masculino ou feminino, e sim ao *gênero* masculino, pois *gênero* é a característica morfológica que consiste na potencialidade de o substantivo vir precedido de determinado artigo masculino ou feminino. Observemos os seguintes trechos da crônica:

- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra "sexo" é masculina.
- O sexo masculino, o sexo feminino (VERÍSSIMO, 2001, p. 24).

No exemplo 1, a criança indaga confusamente o pai, pedindo explicações sobre o “sexo” da palavra, porém, de maneira não técnica, o pai tenta explicar que existe distinção ente SEXO e GÊNERO, quando diz: “a palavra sexo é masculina” (*Ibid.*). O pai quis dizer que o gênero da palavra é masculino, mesmo que se saiba que existe o sexo masculino e o feminino. Percebe-se também que por uma questão de “afinidade” de flexão houve a combinação entre o artigo (masculino singular) e o adjetivo.

É importante observar também, em torno dessa abordagem da palavra sexo, a noção de vogal temática, especificamente, o fato de ela poder ser confundida com uma desinência de gênero no exemplo 2.

Aderindo à explicação de Kehdi (2002), pode-se inferir que em sexo, o /-o/ é uma vogal temática nominal. Segundo explica, quando /-o/ e /-a/ são desinenciais exprimem mudança de gênero, como em *menin-o* e *menin-a*, porém, quando se trata do uso da vogal temática, não é o que ocorre. É o caso de sexo, pois não há uma forma feminina para o substantivo e nem o /-o/ da palavra está associado à noção de gênero. Portanto não existe ‘*sexa*’, já que se trata de um substantivo sobrecomum, como já foi explicado.

A partir da ideia desinencial de gênero que a criança tem para formar o feminino de sexo (pensando em ‘*sexa*’, tida como a forma mais natural de caracterização), é que permanece a construção do humor. Ela consegue enxergar o radical da palavra, dado por “*sex-*”, mas não ultrapassa a barreira da formação de palavra, “derrubando” a vogal temática e aderindo ao uso do /-a/ desinencial: *sexo* → *sexa*.

Na visão de Ingedore Koch (1998), o vocábulo sexo funciona como alomorfe 0 (zero), não em seu sentido completo, pois não há, neste caso, semelhança com o morfema 0 (zero). Ingedore aponta as semelhanças no caso de a palavra ter em comum (alomorfe 0 e morfema 0) a ausência de marca (gênero), ou seja, a palavra “sexo” funciona isolada para indicar significação gramatical de masculino e feminino, mas não para a função de singular e plural.

É, pois, essa compilação de informações, já pressupostas pelo autor, que faz o humor durante a leitura do diálogo da criança com o seu pai. O humor se dá pelo conhecimento – a gramática internalizada de ambos os personagens – que cada um oferece como subsídio para o jogo de troca de informações, no qual o pai tenta ajudar a responder às indagações postas pelo filho, que está em processo de aprendizado, ou seja, o menino

põe suas dúvidas em relação à gramática e espera ser atendido de forma coerente quanto à explicação que seu pai pode lhe dar.

Em *Palavreado*, Fernando Veríssimo desenvolve uma crônica provida de palavras que provocam o humor, despertando a imaginação quanto aos seus significados. Para a obtenção de tal efeito, são utilizados recursos morfológicos, como a junção de sufixos a radicais, tencionando a formação de adjetivo e mudança na classe gramatical de uma mesma palavra.

No princípio, é destacada a palavra “fornida”. Segundo o dicionário de Aurélio (1988), seu significado remete a algo abastecido, robusto, nutrido; definição também apresentada na crônica, quando o narrador faz referência à uma mulher “bem fornida”. Diante dessa visão, chega-se a um processo de formação, o qual ocorre com a junção do verbo “fornir” (igual a abastecer) mais o sufixo /-ida/.

Segundo Kehdi, “as divisões deveriam amoldar-se as relações significativas” (KEHDI, 2002, p. 13). Logo, tem-se também em outro exemplo: “talvez seja semelhança com forno” (VERÍSSIMO, 2001, p. 36), no qual se destaca quando o narrador revela que uma mulher bem fornida pode ser uma mulher “quente”. Nesse aspecto, o processo de formação ocorre com a junção do substantivo “forno” e o sufixo /-ida/. Portanto, a palavra “forno” perde a vogal temática /-o/, através do processo de elisão.

A crônica continua com o destaque do substantivo feminino “lascívia”. É um substantivo relacionado a algo lascivo, sensual ou lúbrico. O narrador faz semelhança a uma mulher não fornida, ao contrário daquela mencionada anteriormente, mas magra e comprida. Mediante uma contextualização, aproveita a carga semântica do substantivo comum para relacioná-lo a uma pessoa específica; usando, portanto, a noção morfológica de derivação imprópria ou conversão, abordada por Kehdi (2002), em seu livro “Formação de palavras do português”:

Lascívia, a imperatriz de Cântaro, que provavelmente atraía os jovens para a cama real. Assim, fica evidente que o substantivo próprio recebe a noção predicativa do adjetivo “lascivo”.

Outro vocábulo é posto em evidência: “Falácia”. Nesse caso, a palavra é denominada pelo narrador como um animal que nunca está onde parece, e nessa referência está o “ponto chave” do humor. É criada toda uma situação envolvendo substantivos que primeiramente são denominados substantivos comuns, a começar por pseudônimo. Ainda com base no dicionário de Aurélio, seu significado original remete a nome falso ou suposto, em geral adotado por um escritor, um artista. Tal significação é aproveitada na crônica e serve de ponte para a obtenção do humor, e isso acontece através de um artifício que consiste na passagem do substantivo comum ao próprio (conversão). Situação observada devido ao fato de haver um indivíduo na história, chamado Pseudônimo, portador das qualidades oriundas da carga semântica pertencente ao substantivo comum, como no trecho: “Um dia um viajante chamado Pseudônimo (não é o seu verdadeiro nome) chega à casa de um criador de falácias, Otorrino” (VERÍSSIMO, 2001, p. 37).

A partir da citação, torna-se necessária a análise do vocábulo “Otorrino”. Aparece, na crônica, como substantivo próprio, porém, com essa inserção, o referido substantivo

assume a característica de substantivo comum, ou seja, a partir desse “aproveitamento”, fica aceitável e também engraçada a possibilidade de o nome do indivíduo fazer referência à profissão exercida pelo mesmo.

Na junção da abordagem dos três “elementos chaves” (falácia, pseudônimo e otorrino) é que o texto continua em uma progressiva intensificação do humor. Otorrino possui muitas falácias, que na realidade não existem, porque, segundo o texto, não estão onde parecem estar. Depois as vende para pseudônimo, que as repassa para um frigorífico inglês. Otorrino fica feliz ao ver seu campo vazio, pois recebeu pinotes pela venda das falácias; esses pinotes também não estavam onde pareciam.

Na última parte da crônica “Palavreado”, é posto em evidência o vocábulo “Lorota”. Continuando com a conceituação de Aurélio, lorota é mentira ou conversa fiada. No texto, a palavra aparece como um adjetivo que qualifica uma manicura gorda: “Lorota, para mim, é uma manicura gorda”. (VERÍSSIMO, 2001, p. 38)

Outras palavras, como Falcatrua e Martelo, assumem a noção de substantivo próprio, representando nome de indivíduos que têm características semelhantes à significação das palavras já referidas.

Papos é uma crônica na qual Veríssimo brinca com o uso e emprego de pronomes como base da construção humorística no diálogo de dois indivíduos que perdem o foco de seu bate-papo e um deles passa a se irritar com o outro por correções feitas quanto ao uso correto e incorreto dos pronomes.

Tudo começa quando um dos personagens inicia sua fala da seguinte maneira:

- Me disseram...
- Disseram-me! (VERÍSSIMO, 2001, p. 32).

Em seguida, é interrompido por uma correção que o outro indivíduo lhe faz com relação ao início do discurso utilizando um pronome.

Na crônica não se encontra a explicação gramatical para correção da inadequação às normas vigentes da colocação pronominal, porém, segundo Ernani Terra, não se inicia uma fala, um discurso, fazendo uso de um pronome, porque o pronome oblíquo átono não pode ser proclítico (não admite próclise) no início da oração.

Veríssimo aborda, dentro do diálogo, a combinação entre pronomes, fazendo uma relação entre o emprego pronominal e o critério da eufonia, isto é, dar uma sonoridade agradável.

Mais uma passagem forte do humor causado pela intenção do uso do pronome se dá em:

- Dispensio as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender.
- Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato? (VERÍSSIMO, 2001, p. 32)

Em que se nota a “brincadeira” entre classes gramaticais:

Quando é dito: “o mato”; Veríssimo transforma o pronome oblíquo “O” (masculino singular – complementar verbal) em artigo, logo, o verbo MATAR transforma-se no substantivo mato. Este humor só foi conseguido pelo fato de ter havido uma “infração” à norma: não se inicia a oração com o pronome oblíquo átono.

Além de todos os artifícios para a obtenção do humor, percebe-se que é feita, no final da crônica, uma piada de crítica social, quando um deles diz que o ato do bem falar é coisa de elitista, fazendo crítica de tema socialmente controverso.

E segue-se esse jogo de palavras no decorrer de todo o texto, até o ponto em que, ao final de toda confusão causada por estar-se discutindo a forma de se empregar o pronome, os dois se esquecem do que realmente lhes interessava falar.

Considerações finais

Da maneira como o cronista Fernando Veríssimo entrelaça humor e gramática, é fácil perceber, em suas crônicas, a sátira direcionada a temas como a educação infantil, no caso de *Sexa*, o elitismo causado pelo ato do bem falar, abordado em *Papos*, e o jogo semântico, encontrado em *Palavreado*.

Há, então, neste trabalho, uma ideia de mostrar a riqueza que uma área de atuação da gramática pode atribuir a um texto literário, necessariamente ao gênero humorístico, e revelar um campo vasto para análise e pesquisa, com olhares voltados para a morfologia e suas variadas formas de aplicação, ensinada, estudada e utilizada, a ponto de tornar-se literatura.

Referências

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988,
- POSSENTI, Sírio. **O humor da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- KOCH, Ingedore Vilhça; SOUSA E SILVA; M. Cecília P. de. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. 9. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Recebido em: 10.08.2016

Aprovado em: 27.08.2016

Para referenciar este texto:

PASCHOAL, Felipe Luiz; OLIVEIRA, Maria Lúcia Ribeiro de. A morfologia nas crônicas *Sexa, Palavreado e Papos*, de Luís Fernando Veríssimo. **Lumen**, Recife, v. 27, n. 1, p. 23-29, jan./jun. 2018.